

A alegria do Zeca e o meio ambiente

Raul Moreira Pinto

Um filhote de casal de maritacas, alojadas no beiral da casa vizinha ao nosso escritório, vai ao chão.

Sem a mínima chance de retornar ao ninho, por muito nova e quase sem penas, estava fadada a maritaquinha a morrer; de fome ou atacada pelo gato da redondeza, hipótese última mais provável.

A jovem secretária do escritório, Ellen, apanha a desditosa avezinha e, decidida, resolveu salvá-la, dispensando-lhe cuidados que os pais teriam; evidentemente esses com mais propriedade e competência.

Levou a maritaquinha para casa e logo deu-lhe um nome: Zeca. Cheguei a indagar porque o nome masculino; a resposta é que pareceu à moça ser o bichinho macho; aliás, diz-se, que essa distinção é complicada até para os membros da espécie.

Ganhou o Zeca, ou a Zeca, uma caixa para lhe servir de abrigo e proteção do frio; foi alimentado, no início, com uma sopa rala de fubá, com contagotas; por mais adequada, contudo, foi adotada uma dieta de frutas, após consulta no Google sobre preferências da ave. Passou, assim, a maritaquinha a comer essas papas, compradas nos supermercados, destinadas a crianças de pouca idade.

Sobreviveu e desenvolveu-se a maritaquinha. Entretanto, o pai de Ellen se preocupou com o fato de estar mantendo em casa uma ave silvestre, ainda que não cativa.

Procuraram, pai e filha, a polícia do meio ambiente; pediram informações sobre como proceder, de como não ficar sujeitos às rigorosas sanções da Lei de Crimes Ambientais.

Nada animador: o policial que os atendeu desaconselhou qualquer providência junto aos órgãos que cuidam do meio ambiente. A burocracia era enorme e não obteriam, de qualquer forma, um salvoconduto para continuarem a cuidar de Zeca e essa situação poderia trazer consequências de natureza penal; do gesto nobre à criminalidade a distância é curta e ligeiro o seu percorrer.

Sem entender muita coisa, argumentou Ellen que não poderia, agora, abandonar Zeca, como não teve como correto deixá-lo à própria sorte após sua queda do ninho.

Obteve como resposta, dura, que já cometera um erro ao apanhar a criaturinha; Ellen questionou mais uma vez a quem lhe

parecia grande autoridade no assunto, pois atitude que não fosse a de cuidar levaria a ave à morte.

Nova resposta, essa agora com ares de ciência: é da natureza; fosse o Zeca devorado pelo felino seria fato corriqueiro e natural na cadeia alimentar.

Por sorte, o benevolente policial não tomou qualquer iniciativa para envolver Ellen e seu pai nas complicações legais.

Não consideraram o conselho de se livrarem, deixando-o à própria sorte; isto era totalmente contra os seus princípios. Ou seriam, ou pelo menos deveriam ser, de todos nós?

O mais doloroso de tudo isso é a falácia e a hipocrisia do argumento da autoridade.

A evolução da espécie humana e seu sucesso estão visceralmente vinculados à domesticação e aprisionamento de animais, seja para o trabalho, seja para alimentação, seja, até, para companhia. E isso ocorre até hoje.

Ora, não seria de se contrapor ao argumento pseudo “científico” o simples fato de que, também, não é da natureza do homem capturar animais, prendê-los é até devorá-los? Nesse enfoque, estaria plenamente, dentro do absurdo raciocínio da autoridade, justificada a posse e até o aprisionamento de Zeca pela moça, em franca contrariedade à severa legislação protetora do meio ambiente.

Felizmente, parece que a história vai acabar bem; o Zeca está voando, ainda não muito bem, mas já ameaça acompanhar os barulhentos bandos de maritacas, de que, logo, logo, fará parte.

Mas acho difícil, impossível mesmo, que complicados procedimentos burocráticos - que se perdem no caminho pela própria complexidade deles e por isso mesmo não levam a lugar nenhum - argumentos hipócritas e sugestão de comportamentos que chegam às raias da canalhice venham a contribuir para a preservação da natureza, que tem como norte imprescindível o amor aos seres vivos.

P.S. – Os personagens não são fictícios e o conteúdo da narrativa é absolutamente verdadeiro.